

INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.

ID: 3300

DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3300>

Recebido em: 06/11/2025

Aceito em: 20/03/2026

Diversidade e dicotomias na representação da velhice no podcast *Ciência em Prosa 60+*

Gláucia da Silva Mendes Moraes

Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil

Resumo: O grupo etário com mais de 60 anos não é homogêneo, nem os sentidos que sobre ele circulam na sociedade. Em virtude disso, este artigo investiga quais representações sociais são evocadas pelo podcast *Ciência em Prosa 60+*. A metodologia, de caráter quali-quantitativo, baseia-se na Análise Audioestrutural de Podcast (AAP), para realizar um estudo multidimensional de 20 episódios do programa, que abarca tanto elementos sonoros quanto parassonoros. Os resultados evidenciam que o podcast contempla distintas experiências de envelhecimento, entretanto, o projeto editorial do programa torna proeminentes representações associadas à atividade e independência.

Palavras-chave: Representações sociais. Análise Audioestrutural de Podcasts. *Ciência em Prosa 60+*.

Diversity and dichotomies in the representation of old age in the podcast *Ciência em Prosa 60+*

Abstract: The group over 60 is not homogeneous, nor are the meanings surrounding it in society. Therefore, this article investigates which social representations are evoked by the podcast *Ciência em Prosa 60+*. The methodology is based on Audiostructural Analysis of Podcasts (AAP), to carry out a multidimensional study of 20 episodes of the program. The results show that the podcast addresses diverse experiences of aging; however, the program's editorial project renders representations associated with activity and independence more prominent.

Keywords: Social representations. Audiostructural Analysis of Podcasts. *Ciência em Prosa 60+*.

Diversidad y dicotomías en la representación de la vejez en el pódcast *Ciência em Prosa 60+*

Resumen: El grupo superior a 60 años no es homogéneo, ni tampoco lo son los significados que lo rodean en la sociedad. Por ello, este artículo investiga qué representaciones sociales evoca el podcast *Ciência em Prosa 60+*. La metodología se basa en el Análisis Audioestructural de Podcasts (AAP) para llevar a cabo un estudio multidimensional de 20 episodios del programa. Los resultados evidencian que el pódcast contempla distintas experiencias de envejecimiento; sin embargo, el proyecto editorial del programa hace más prominentes las representaciones asociadas a la actividad y la independencia.

Palavras clave: Representaciones sociales. Análisis audioestructural de podcasts. *Ciência em Prosa 60+*.

Introdução

O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) evidencia que a faixa etária com mais de 60 anos ultrapassou a marca de 15% da população brasileira, ao crescer cerca de 56% em 12 anos (Gomes; Britto, 2022). Os dados apontam para uma significativa mudança demográfica, com tendência de inversão da pirâmide etária nos próximos anos, quando esse segmento populacional deve superar o de jovens até 14 anos. Esse cenário reforça a necessidade de iniciativas que contribuam para a integração e a participação na vida social das pessoas com mais de 60 anos.

Os meios de comunicação podem contribuir para a integração ou o isolamento desse segmento populacional não só com a oferta – ou a ausência de oferta – de conteúdos para a satisfação de suas demandas cívicas e culturais, mas também por meio da (re)construção dos sentidos sociais (Hall, 1997) sobre essa etapa da vida. Pesquisas acadêmicas evidenciam como a população com mais de 60 anos é representada em mídias diversas – sobretudo impressas, audiovisuais e mídias sociais –, reforçando ou rompendo preconceitos e estereótipos etários disseminados na sociedade (Debert, 1997; Castro; Camargo, 2017; Batista *et. al*, 2021).

Nessa linha de investigações, nota-se a escassez de estudos sobre a representação da população com mais de 60 anos na mídia sonora. Buscas realizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e nas bases de dados Scielo e Scopus, por meio de combinações dos

termos “representação”, “rádio”, “podcast”, “velho”, “idoso” e “terceira idade”, em português, e “representation”, “radio”, “podcast”, “aged”, “old aged”, “elder” e “ancient”, em Inglês, retornaram apenas dois trabalhos acadêmicos espanhóis sobre o tema, relacionados à pandemia de Covid-19¹. O presente artigo se propõe a mitigar essa lacuna, adotando como foco o estudo de caso de um programa sonoro brasileiro voltado para esse segmento populacional, produzido em um formato contemporâneo: o podcast.

Desde seus primórdios, em 2004, o podcast suscita discussões sobre sua relação com o rádio. Naquele momento inicial, sob as lentes da cibercultura, ele foi caracterizado como um novo sistema de produção e difusão de conteúdo sonoro que liberava o pólo da emissão, permitindo a qualquer ouvinte ser também produtor de conteúdo, sem a mediação dos veículos de comunicação tradicionais. Vislumbrava-se, então, uma reconfiguração midiática, com a convivência de dois pólos: de um lado, a produção independente de podcasts voltados para públicos segmentados; de outro, a produção/consumo do rádio massivo, que inclusive poderia se apropriar da nova tecnologia para a disseminação de conteúdos (Lemos, 2005).

Com a evolução das produções e das pesquisas acadêmicas, observa-se uma falta de consenso sobre a relação entre o novo formato e o rádio: há tanto aqueles que defendem a filiação do podcast aos estudos radiofônicos quanto quem o entende como uma nova mídia. A primeira vertente o considera uma manifestação contemporânea do rádio, que se reconfigura no ambiente digital, recebendo denominações como “rádio expandido” (Kischinhevsky, 2024). Para essa perspectiva, o áudio persiste como conteúdo central, a essência da mensagem; entretanto, passa a dividir espaço com elementos multimídia (imagens, hipertextos, vídeos etc) e parassonoros (arquitetura de interação), que contribuem para a construção de narrativas multiplataforma e para a presença em espaços como mídias sociais e serviços de *streaming*, que ampliam as possibilidades de acesso e participação do público.

Embora reconheça a existência de influências do rádio, a outra vertente concebe o podcast como uma modalidade de produção e consumo sonoro independente. Nela, a liberação em relação ao imediatismo radiofônico abre caminho para experimentações em termos de

¹ As buscas foram realizadas em 7 jan. 2026.

linguagem e expressão, com produções mais complexas (Vicente, 2018). Por seu turno, a superação da instantaneidade da transmissão dá ensejo a outras formas de consumo ou usos sociais, mais individualizados e com mais controle sobre a experiência auditiva (Vicente, 2018; Rossetto; Ferrareto, 2023).

Para representantes dessa perspectiva, a superação das limitações geográficas de transmissão, associada ao consumo mais personalizado, potencializa a segmentação de públicos por interesses específicos ou demandas identitárias (Vicente, 2018), o que confere ainda mais relevância ao estudo de um podcast direcionado ao público 60+. Além disso, entre as experimentações de conteúdo destacadas, encontra-se a divulgação científica, também contemplada neste trabalho.

O podcast vem sendo amplamente incorporado às estratégias de divulgação científica ou popularização da ciência, aqui entendida como o compartilhamento com a sociedade de conhecimentos gerados no campo científico, por meio de comunicações populares com uma linguagem acessível e compreensível ao público leigo (Mueller, 2005; Scharrer *et. al.*, 2017). Estudo exploratório realizado em 2019 revelou a existência de 69 produções dedicadas a temas de ciência no Brasil, com forte protagonismo das universidades (Figueira; Bevilaqua, 2022). Mas foi sobretudo a partir da pandemia de Covid-19 que aumentou a produção: o período de maior expansão foi entre os anos de 2019 e 2021, quando surgiram 53 novos programas. Atualmente, há cerca de 90 podcasts de ciência no Brasil (Fátima; Borghi, 2025), 21 universidades possuem programas dessa natureza, sendo que apenas um deles foi concebido pensando em cidadãos externos à comunidade universitária (Bento, 2024).

O estudo de caso realizado neste artigo é sobre o podcast *Ciência em Prosa 60+*, uma produção da Diretoria de Comunicação da Universidade Federal de Lavras (UFLA). O programa integra o projeto institucional “Prosas na ciência”, que abrange uma série de iniciativas comunicacionais com o propósito de contribuir para a democratização e a interiorização do acesso ao conhecimento científico no Brasil, e é apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), por meio da Chamada FAPEMIG nº 05/2022 - Programa Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia (Minas Gerais, 2022).

Nesse contexto, o *Ciência em Prosa 60+* visa a colaborar não só para o aperfeiçoamento intelectual e social do público com mais de 60 anos, mas também para a promoção do envelhecimento ativo e saudável, em consonância com o aumento da expectativa de vida no Brasil e o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003). De acordo com a lei, as pessoas nessa faixa etária têm direito a produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição e, juntamente com outros agentes sociais, o Poder Público tem o dever de assegurar esse e outros direitos.

Promover a aproximação entre cidadãos e ciência é um desafio que requer o acionamento de um repertório de conhecimentos sociais capaz de interconectar o universo científico, permeado por saberes técnicos e complexos, à realidade cotidiana (Bueno, 2010). No que diz respeito ao público ora considerado, esse repertório inclui a própria compreensão social sobre a fase da vida que se inicia por volta dos 60 anos, seus desafios e perspectivas; em outras palavras, a representação social do envelhecimento. Em virtude disso, o presente trabalho guia-se pelo seguinte problema de pesquisa: que sentidos sociais sobre essa fase da vida são evocados pelo podcast *Ciência em Prosa 60+*?

Considerando que o público com mais de 60 anos não é homogêneo, nem os sentidos que sobre ele circulam na sociedade, parte-se da hipótese de que o podcast aciona diferentes representações sobre a velhice para a popularização de conhecimentos científicos; entretanto, tais representações são parcialmente limitadas pelo projeto editorial do programa, orientado à promoção do envelhecimento ativo e saudável. A investigação baseia-se em uma metodologia quali-quantitativa, a Análise Audioestrutural do Podcast, e abrange um *corpus* constituído por 20 episódios do programa, publicados nos canais oficiais da UFLA.

Mídia e representações sociais do envelhecimento

As representações sociais são fenômenos complexos, nos quais se imbricam elementos diversos, de natureza psíquica, cognitiva, cultural, linguística etc. Elas articulam aspectos da realidade a sistemas compartilhados de conceitos e imagens mentais, bem como a signos linguísticos – texto, som e imagem –, dando ensejo a significados que guiam os sujeitos em sua ação sobre os outros e o mundo. Em sua construção e disseminação, a comunicação desempenha

um papel primordial, desde os níveis interindividual e institucional até o midiático (Hall, 1997; Jodelet, 2001).

Por conseguinte, as representações sociais não são conjuntos cristalinos de convenções fixadas atemporalmente. Elas são atravessadas por contingências sociais e históricas e estão sujeitas a relações de poder, podendo ter seus sentidos contestados e disputados por grupos assimetricamente situados nas relações de força. Dessa batalha simbólica, podem emergir representações hegemônicas, que contribuem para a reprodução da ordem social vigente, e contra-hegemônicas, com a finalidade de contestação política (Hall, 1997; Jodelet, 2001).

Como uma manifestação hegemônica, podem surgir os estereótipos, construções simbólicas enviesadas e depreciativas em relação a grupos minoritários (Freire Filho, 2004). Nesses casos, a valoração dos bens materiais e simbólicos é feita a partir da perspectiva do detentor do poder de representação, resultando em classificações dicotômicas que situam o grupo hegemônico como a norma comportamental e a minoria como um ser desviante (Silva, 2000).

É esse processo de construção e reconstrução simbólica que se observa em relação à representação social da fase da vida iniciada aos 60 anos. Em diferentes momentos históricos, sentidos muito diversos foram evocados hegemonicamente na sociedade brasileira para fazer referência às pessoas dessa faixa etária, como evidenciam as expressões “velho”, “idoso”, “terceira idade” e “melhor idade”.

Até o final da década de 1960, a palavra “velho” era usada no país para se referir às pessoas envelhecidas em geral, embora comportasse certa ambiguidade: dependendo da entonação ou do contexto, poderia assumir um tom afetivo ou pejorativo. Seu campo semântico começou a se estreitar quando documentos oficiais e análises sobre a velhice passaram a preferir a noção de “idoso”. A partir de então, “velho” assumiu uma conotação negativa, estereotipada, passando a designar sobretudo as pessoas com mais idade das camadas populares e sua situação de decadência e incapacidade (Peixoto, 1998). Os termos “velho” e “velhice” passaram a ser sinônimos de doenças, perdas, problemas de relacionamento com os filhos, sofrimento, inatividade e dependência (Magnabosco-Martins *et al*, 2009).

A adoção do termo “idoso” passou, então, a representar um tratamento mais respeitoso. De caráter generalizante, referia-se tanto à população envelhecida das camadas populares quanto das classes altas. Essa mudança semântica foi semelhante à observada em outros países. Contudo, enquanto, na França, a preferência pelo termo idoso foi acompanhada pela implantação de uma política social para as pessoas com mais de 60 anos, no Brasil, o tratamento respeitoso restringiu-se, inicialmente, ao plano cultural. Somente a partir da Constituição de 1988 foi reconhecida a importância da velhice e definido um valor mínimo de aposentadoria (Peixoto, 1998).

Diferentes grupos etários concebem o “idoso” como alguém cujos traços marcantes são a experiência e a sabedoria; uma pessoa que merece cuidado, carinho, atenção, respeito e paciência, e geralmente está de bem com a vida e aceita razoavelmente as transformações e perdas. Um dos principais traços distintivos entre “idoso” e “velho” passou a ser a atividade: o idoso é considerado uma pessoa ativa, que se cuida e não se entrega à monotonia. Subjaz a essas representações uma compreensão do envelhecimento que responsabiliza a pessoa com mais de 60 anos por sua situação, seja ela positiva, seja negativa (Magnabosco-Martins *et al.*, 2009).

Por sua vez, a expressão “terceira idade” passou a ser empregada na França após a implantação de políticas sociais voltadas às pessoas com mais de 60 anos, para fazer referência principalmente aos “jovens aposentados”, ainda ativos e independentes. A “terceira idade” instituiu uma nova fase da vida, intermediária entre a aposentadoria e a velhice, caracterizada sobretudo pelo engajamento em atividades sociais, culturais e esportivas.

A expressão excluiu as perdas associadas ao processo de envelhecimento, focando apenas os ganhos, relacionados sobretudo às experiências vividas por meio do consumo. Ao mesmo tempo, promoveu uma reprivatização da velhice, responsabilizando o indivíduo por sua condição ativa ou decadente. Contribuiu, dessa forma, para a despolitização dessa fase da vida, omitindo a miséria e as perdas de habilidades cognitivas, físicas e emocionais, cujo reconhecimento é fundamental para a cidadania (Debert, 1997).

Subjaz a essa nomenclatura uma valorização da juventude que não necessariamente se reverte em uma atitude socialmente mais tolerante em relação às pessoas com idade avançada. A mídia contribui decisivamente para a disseminação dessa visão: revistas femininas acenam

com a promessa de eterna juventude, por meio do consumo de procedimentos estéticos; notícias apresentam homens e mulheres de idade mais avançada como pessoas que se reinventam profissionalmente e concretizam sonhos adiados na juventude (Debert, 1997). Nas revistas femininas impressas, a velhice é praticamente omitida e, quando abordada, é tratada sobretudo do ponto de vista estético, como algo a se combater. A imagem do corpo idoso, principalmente da mulher, é retratada de forma preconceituosa, por meio do contraste com a beleza do corpo jovem (Batista *et. al*, 2021).

Nas produções cinematográficas e televisivas, observam-se dicotomias como “velho decadente” x “velho vigoroso”, “velho dinâmico e independente” x “velho inativo e dependente”. As peças publicitárias seguem tendência similar, baseando-se, por um lado, em estereótipos nos quais os corpos de pessoas mais velhas são apresentados como disfuncionais, e, por outro, representações positivas, de pessoas dinâmicas e produtivas com idade avançada. Contudo, as representações negativas da velhice tornam-se cada vez mais raras no meio televisivo.

As mídias digitais, por sua vez, são caracterizadas como precursoras de novos padrões. Ao abrir caminho para a manifestação de diferentes vozes, elas possibilitam uma interlocução direta dos idosos com o público e a consequente contestação dos sentidos sociais hegemônicos sobre o envelhecimento. “Granfluencers” (*apud* Harvey, 2019), ou influenciadores digitais com mais de 60 anos, ganham notoriedade digital ao abordar temas considerados polêmicos e tabus na velhice, como o sexo e o uso da maconha; ao assumir o envelhecimento natural e exibir seus corpos sem receio; e ao mostrar que é possível envelhecer de forma saudável e efetiva, mesmo sendo acometido por doenças como o Alzheimer.

Entretanto, as demais representações da fase da vida iniciada aos 60 anos, bem como suas derivações, também estão presentes no espaço virtual. Proliferam no meio digital publicações que promovem a expressão “melhor idade”, um decalque da “terceira idade” que reverbera os sentidos positivos de atividade, independência e satisfação individuais, relegando ao esquecimento as perdas inerentes ao processo de envelhecimento e, por conseguinte, contribuindo para a marginalização dos sujeitos que vivenciam essa realidade (Castro; Camargo, 2017).

O podcast também apresenta potencial tanto para a reverberação de sentidos hegemônicos na sociedade sobre grupos minoritários, incluindo os estereótipos, quanto para a contestação dessas representações (Kischinhevsky, 2024). A análise a seguir busca evidenciar quais desses sentidos se manifestam no podcast *Ciência em Prosa 60+*.

O envelhecimento no podcast *Ciência em Prosa 60+*

O *corpus* deste trabalho é constituído por 20 episódios do podcast *Ciência em Prosa 60+*, que se encontram disponíveis nos canais oficiais da UFLA. A análise busca compreender como o conhecimento científico é simbolicamente articulado a experiências cotidianas do público 60+ no plano discursivo do podcast e, para tanto, adota como metodologia a Análise Audioestrutural de Podcasts - AAP (Silva, 2022), uma ferramenta quali-quantitativa multidimensional que abarca tanto elementos sonoros quanto parassonoros. Embora Bento (2024) tenha proposto uma adaptação dessa metodologia para a análise específica de podcasts de ciência, segue-se aqui a proposta original, por considerá-la suficiente para a análise das representações sociais do envelhecimento.

A primeira dimensão da AAP é a *estrutura do podcast* e abrange variáveis como estrutura (relato, debate, entrevista etc), periodicidade, duração, espaços de circulação, design do programa e associação a entidades; a segunda é centrada na *fonte do episódio*, caracterizada pelo tema e sua descrição, pela identificação e classificação das fontes acionadas; a terceira contempla aspectos relacionados ao *conteúdo*, incluindo a análise e contextualização do material de acordo com os objetivos traçados (Silva, 2022).

Tendo em vista o objetivo do presente artigo, a análise atém-se sobretudo às variáveis de cada dimensão que possam trazer indícios sobre as representações sociais do envelhecimento presentes no podcast. No eixo *estrutura*, são submetidos à análise principalmente a descrição do programa na plataforma e o design de imagem. Na dimensão *fonte*, são observados o tema e a descrição dos episódios, a quantidade e a classificação das fontes. Em termos de *conteúdo*, as inserções referentes às fontes com mais de 60 anos são analisadas à luz do referencial teórico sobre representações sociais anteriormente elucidado.

A estrutura do podcast

O podcast *Ciência em Prosa 60+* foi lançado em maio de 2023, com uma periodicidade mensal e uma duração média de 40 minutos. Atualmente, há 20 episódios com acesso disponível em múltiplos canais: nas plataformas Spotify, Deezer e Youtube; no Portal da UFLA (ufla.br), no Portal da Ciência (ciencia.ufla.br), além do perfil da UFLA do Instagram (@uflabr).

O programa é estruturado no formato de entrevista, predominante entre os podcasts de divulgação científica mantidos por universidades (Bento, 2024). As entrevistas caracterizam-se por um estilo de conversa informal, um boa “prosa”, formato considerado estratégico para a popularização do conhecimento científico, por criar uma atmosfera de diálogo informal que possibilita mais aproximação com o ouvinte (Lelis; Moreira, 2023), além de contribuir para a abordagem de assuntos por vezes complexos, de uma forma leve e acessível.

O podcast possui uma identidade visual composta pela logomarca, pela aplicação da cor azul e por tipografias específicas, que estão presentes nas peças de divulgação utilizadas em todos os canais de circulação. A cada episódio, essas peças são personalizadas com títulos e imagens que remetem ao assunto abordado. Os títulos, em geral, são elaborados na forma de perguntas, dirigidas ao público com a intenção de incentivar a escuta do programa.

Na composição das peças de divulgação personalizadas, é recorrente a presença de imagens de pessoas com 60 anos ou mais, em circunstâncias que remetem ao tema abordado. A estratégia não só contribui para atrair a atenção do público, como um recurso de identificação com o ouvinte, mas também visa criar um reforço visual da mensagem sonora (Carbalho; Pérez-Maíllo, 2022).

Dos 20 episódios, as peças de divulgação de 16 (80% do total) possuem pessoas nessa faixa etária: sete somente com a presença de mulheres, quatro somente com homens e cinco com representantes de ambos os gêneros. Observa-se também uma diversidade de raça, embora em uma proporção ainda mais desigual: apenas sete imagens possuem pessoas pardas ou pretas. Das 16 imagens com presença de pessoas, apenas em três as feições expressam ideias de fragilidade ou preocupação. Nas demais, a representação hegemônica é de pessoas ativas e independentes.

As fontes do podcast

A descrição dos episódios segue uma estrutura padrão: há um título, informações sobre o tema abordado, as fontes participantes da conversa, uma chamada para ouvir o episódio, *hashtags* relacionadas ao tema e a ficha técnica da produção. A análise dessas descrições à luz do referencial teórico permite uma primeira associação dos episódios, ainda que provisória, ao campo semântico das representações sociais do envelhecimento. Como os *hosts* do programa não são pessoas com mais de 60 anos e não foram identificadas representações contestatórias, os episódios foram classificados nas categorias “velho”, “idoso” e “terceira idade”, conforme o quadro abaixo:

Quadro 1: Representações do envelhecimento na descrição dos episódios

“Velho	“Idoso”	“Terceira idade”
Ep.1 - Perda de memória “preocupar”, “esquecimento”	Ep.2 - Mudança de hábitos “doenças crônicas”, “diabetes”, “problemas de saúde”, “alimentação”, “atividade física”, “bem- estar”	Ep.3 - tecnologias digitais “serviços e atividades de lazer”, “bem-estar”
Ep.4 - Sono “sono perdido”, “noites mal dormidas”, “dificuldades para dormir”, “perda de força física”, “depressão”	Ep.6 - Chás medicinais “plantas medicinais”, “tratamento de doenças”, “propriedades terapêuticas”	Ep.5 - Aposentadoria “nova etapa da vida”, “grandes mudanças”, “desejos”
Ep.10 - Síndrome de Guillain Barré “perda de capacidade”, “doenças autoimunes”	Ep.8 - Exercícios físicos “longevidade”, “reabilitação”	Ep.7 - Educação “cheia de possibilidades”, “busca por novos conhecimentos”

Ep.12 - Medicamentos “medicamento”	Ep. 15 - Participação política “votar”, “benefícios de ter representantes com mais de 60 anos”, “exercer o direito”, “estar atento ao que acontece na política”	Ep.9 - Compras “curtir dias de descanso”, “turismo”
Ep. 16 - ILPIs “asilos”, “casas de repouso”, “assunto evitado”	Ep.17 - Memória e tradição “confraternização”, “momentos do passado”, “compartilhamento de memórias”, “história e cultura”	Ep.11 - Lazer “divertir”, “lazer”, “aproveitar a vida”
	Ep.18 - Festas populares “festas tradicionais”, “costumes”, “memória”, “conexão com o passado”, “preservar tradições”	Ep.13 - Contato com a natureza “curtir uma plantinha”, “frequentar praças”, “morar no ambiente rural”, “contato com a natureza”
	Ep. 19 - Vacinação “vacinação da gripe”, “imunização”, “doenças”, “qualidade de vida”, “longevidade”	Ep.14 - Vaidade “retardar o envelhecimento”, “evitar doenças de pele”, “autocuidado”, “vaidosa”
	Ep. 20 - Animais de companhia “saúde”, “convivência”, “afeto”, “responsabilidade”, “dedicação”	

Fonte: Elaborado pela autora.

Cabe destacar que, nessa análise, foram desconsideradas as menções diretas às expressões “velho”, “idoso” e “terceira idade”, pois, em várias ocasiões, elas foram utilizadas indiscriminadamente como sinônimos. É importante também justificar o enquadramento do episódio 2 na categoria “idoso”: embora a descrição contenha três referências a doenças, elas se equilibram com três referências a cuidados com a saúde.

Ao associar a análise do design à da *descrição*, nota-se que as três imagens de pessoas em situação de fragilidade ou preocupação ilustram os episódios nº 1, sobre esquecimento; nº 4, sobre sono e alimentação; e nº 10, sobre a Síndrome de Guillain Barré. Nesses casos, a comunicação visual reforça a mensagem textual (Carbalho; Pérez-Maíllo, 2022) associada à representação do “velho”.

Todos os episódios têm como fontes pesquisadores da UFLA, que participam do bate-papo em um estúdio. A estrutura do programa também sempre inclui sonoras de pessoas com mais de 60 anos; entretanto, à diferença dos pesquisadores, elas não estão presentes no estúdio: sua participação ocorre por meio de entrevistas realizadas em outros espaços, situação sinalizada nos episódios por meio do efeito sonoro de um telefone para incluir essa participação externa.

Por conseguinte, a estrutura dos episódios contempla dois tipos de fontes: especialistas e populares (Kischinhevsky; Chagas, 2017 *apud* Silva, 2022). Em geral, cada episódio conta com a participação de duas fontes, uma de cada segmento; ocasionalmente, observa-se a participação de dois docentes/pesquisadores no mesmo episódio, e apenas dois contam com a participação de duas pessoas com mais de 60 anos.

O conteúdo do podcast

A inclusão, em cada episódio, de relatos de vivências de pessoas com mais de 60 anos é uma decisão editorial que contribui para a humanização do conteúdo. Essa estratégia vem sendo muito empregada em podcasts de popularização da ciência, com o intuito de conectar o

conhecimento científico à realidade, tornando-o mais concreto e compreensível aos cidadãos leigos no assunto (Mustafá, 2022).

Em termos de representatividade de gênero, é muito expressiva a presença de mulheres entre os participantes: são 19, no total, presentes em 17 episódios. Os homens só aparecem como fontes populares em três episódios, coincidentemente naqueles cujos temas ainda são associados, socialmente, ao gênero masculino: tecnologias, participação política e festas tradicionais como a Folia de Reis.

E o que essas participações evidenciam a respeito das representações sociais do envelhecimento? Quais sentidos associados a esses constructos simbólicos aparecem na caracterização dessas fontes? E como esses atributos se relacionam ao design e à classificação provisória da descrição dos episódios?

Ao analisar a totalidade dos episódios, ressalta a presença desproporcional das dicotomias ativo X inativo, independente X dependente, consideradas como traços que separam “velhos”, de um lado, e “idosos” e “terceira idade”, de outro. As fontes com mais de 60 anos do podcast são majoritariamente ativas/independentes: 13, no total, em contraposição a 4 dependentes/inativos. Em 5 episódios não foram encontradas informações suficientes para proceder a essa caracterização.

Pessoas ativas/independentes aparecem não só em episódios cujas descrições foram classificadas previamente nas categorias “idoso” e “terceira idade”, mas também na metade (3) daqueles da categoria “velho”. No episódio 1 (esquecimento), os relatos das irmãs Neusa e Maria das Graças, participantes ativas de projetos voltados para a população 60+, remetem a situações cotidianas de esquecimento, servindo como contraponto àquelas que podem se configurar como indícios de demência. No episódio 10 (Síndrome de Guillain Barré), o contexto é similar: a independência de Maria Santíssima é contrastada com a dependência que a acometeu durante o período de manifestação da doença. Nesses dois episódios, não se chega a realizar, portanto, uma dissociação entre doença e dependência, como o faz, por exemplo, o canal da influenciadora digital Amália Tereza que busca provar ser possível envelhecer de forma saudável e independente mesmo acometida por Alzheimer (Batista *et. al.*, 2021).

No episódio 16, a história de Lionéia Marques é o ponto de partida para tratar das Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPIs), os antigos “asilos”. A independência e pró-atividade da fonte, que inclusive tomou por conta própria a decisão de residir na Vila São Vicente de Paula, vinculada à Igreja Católica, contrasta com o cenário descrito por Alcântara (2009), cujo estudo retoma a expressão “velho” e toda sua carga social e simbólica de sofrimento e pobreza para analisar as vivências humanas predominantes nesses ambientes coletivos. Contudo, o episódio não descarta dessa realidade: o roteiro deixa claro que a realidade da entrevista não é a predominante nas ILPIs brasileiras.

Entre os episódios preliminarmente enquadrados na categoria “velhos”, dois possuem fontes com certo grau de dependência ou inatividade, associada ao surgimento de doenças. O episódio 4 (sono e alimentação) informa que Maria Aparecida de Freitas tem deficiência visual e, em virtude da perda de visão, aposentou-se e reduziu seu ritmo de atividades. No episódio 12, Marlene Luz relata que tinha uma vida ativa, até que um infarto mudou sua rotina. “A minha rotina parou”, afirma a fonte.

Associando essas análises às precedentes, é possível depreender que os três episódios nos quais design e descrição remetem à representação do velho (1, 4 e 10) são reforçados também pelo modo como as dicotomias ativo X inativo, independente X dependente se manifestam nos sentidos evocados pela caracterização das fontes.

Pessoas com mais de 60 anos e algum grau de dependência também aparecem em episódios cuja descrição alude ao termo “terceira idade”. No episódio 3 (uso de tecnologias), Armando Tartuci relata que sua condição de baixa visão dificulta o acesso a tecnologias digitais e torna-o dependente da ajuda das filhas para ouvir seus programas sonoros preferidos. A vivência da fonte está em consonância com o enquadramento temático predominante: mais do que abordar as possibilidades de lazer e entretenimento, o episódio discute aspectos relacionados à inclusão digital de pessoas com mais de 60 anos no universo das novas tecnologias.

No episódio 14, sobre vaidade, a entrevistada também não reproduz o perfil ativo da “terceira idade”. Nilza Miranda mora em uma ILPI – que, conforme mencionado, costuma ser associada à representação do “velho” – e afirma não sair muito da casa. Suas manifestações de

vaidade também se distanciam do consumo estético em excesso: embora admita ter o desejo de realizar algumas cirurgias plásticas, sua preocupação principal é de se arrumar, “[...] coisa levezinha, uma coisa assim, um batonzinho, um brinquinho”. O próprio roteiro do episódio adota um enfoque crítico em relação à busca pela eterna juventude, alertando para os abusos e riscos dos exageros estéticos.

Contudo, o que predomina nos outros cinco episódios previamente categorizados como “terceira idade” é a participação de pessoas com mais de 60 anos ativas. A maioria delas também está envolvida em atividades sociais, culturais ou esportivas associadas a essa representação social: o episódio sobre aposentadoria (5) conta com a participação de Lúcia Mesquita, que faz ginástica em um grupo para terceira idade; no episódio sobre educação (7), Ângela Mendonça faz parte de uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA); Dona Dú, do episódio de compras (9) não só participa como organiza viagens, individuais e coletivas; e Fátima Belchior, participante do episódio sobre lazer (11), relata que sempre reserva um tempo para sua diversão preferida: a dança.

A participante do episódio sobre o contato com a natureza (13), Lourdes de Sá, também é caracterizada como uma pessoa que procura se manter ativa: “Não gosto é de ficar sem serviço. Agora não faço muito, mas sempre faço uma coisinha, não?”. Ela reside na Vila São Vicente de Paula, assim como Lionéia, e sua principal atividade não está associada a entidades desportivas e culturais, nem ao consumo: ela cuida dos jardins da Vila, reproduzindo uma relação com a natureza que esteve presente em diferentes fases da sua vida.

Dos episódios provisoriamente incluídos na categoria “idoso”, não há informações suficientes para concluir sobre o nível de atividade/inatividade ou dependência/independência das fontes naqueles dedicados aos seguintes temas: mudança de hábitos (2); chás medicinais (6); participação política (15); memória e tradição (17), e vacinação (19). Por sua vez, os participantes são claramente ativos nos episódios 8 (exercícios físicos) e 18 (festas populares).

É interessante observar como a caracterização da fonte do episódio 8 (exercícios físicos) é coerente com a categoria “idoso”. A preocupação central de Maria Therezinha Naves ao iniciar a prática de exercícios físicos foi o cuidado com a saúde, física e mental, e não uma busca pela juventude. “Eu estava ficando muito tensa, muito estressada, com a mãe doente. Aí

eu comecei a fazer por isso, para aliviar um pouco a tensão da gente”. A vergonha do corpo idoso, marcante nas revistas femininas de “terceira idade”, é minimizada pela participante: “olha, eu aconselho as pessoas mais idosas que têm vergonha de fazer ginástica, de participar. Participe porque é muito bom para a saúde, para o corpo”, afirma Maria Therezinha.

O cuidado com a saúde em busca da longevidade – e não do rejuvenescimento – também é o tema central dos episódios 2 (mudança de hábitos) e 19 (vacinação). Já os episódios 17 (memória e tradição) e 18 (festas populares) ressoam a representação social do idoso como alguém dotado de experiência e sabedoria. Por fim, um misto de convivência, afeto e dedicação é a característica marcante do episódio 20 (animais de companhia).

Considerações finais

Este artigo procurou compreender os sentidos sociais do envelhecimento evocados pelo podcast *Ciência em Prosa 60+*, partindo da hipótese de que o programa aciona diferentes representações sobre a velhice para a popularização de conhecimentos científicos, que são parcialmente limitadas por um projeto editorial orientado à promoção do envelhecimento ativo e saudável.

A Análise Audioestrutural do Podcast evidenciou a presença assimétrica das categorias “velho”, “idoso” e “terceira idade”, com o predomínio de representações associadas à atividade e independência, em detrimento daquelas que evocam situações de fragilidade e dependência. A investigação, de caráter multidimensional, demonstrou forte coerência entre design, descrição e caracterização das fontes na construção desses sentidos.

Os resultados estão em consonância com as considerações de Hall (1997), para quem as representações sociais envolvem disputas assimétricas, das quais emergem sentidos hegemônicos. A presença das três categorias no podcast reverbera sentidos observados na sociedade, com a hegemonia da categoria “terceira idade”, representação que, segundo Debert (1997), privilegia a imagem de uma velhice ativa e independente, ocultando perdas associadas a essa fase da vida e responsabilizando o indivíduo por sua condição.

Essa proeminência de representações positivas do envelhecimento no podcast associa-se ao projeto editorial do programa, que se alinha ao Estatuto do Idoso e à tendência de aumento da expectativa de vida no Brasil. Trata-se, portanto, de uma característica estrutural do programa, produzido por uma instituição que também é pública. Se, por um lado, essa escolha editorial legítima tende a evitar o acionamento de estereótipos sobre a velhice, por outro, ela pode contribuir com processos de integração simbólica e, por extensão, para a invisibilidade de representações sociais de experiências de fragilidade e dependência que também podem estar presentes do cotidiano do público com mais de 60 anos.

Embora a investigação se limite ao estudo de caso de um programa institucional e focado na popularização do conhecimento científico, os resultados contribuem para as pesquisas sobre representação social do envelhecimento em podcasts e sinalizam a importância de pesquisas futuras, que permitam a comparação com outros projetos editoriais, marcados por outros enquadramentos do envelhecimento.

Referências

ALCÂNTARA, A. O. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas, Sp: Editora Alínea, 2009.

BATISTA, F. E. A.; TEIXEIRA, D. P.; SOARES JR., G.; DANTAS, I. J. M. Interloquções e apontamentos sobre as representações da velhice na mídia brasileira: entre revistas, audiovisuais e a cultura digital. In: BATISTA, F. E. A.; TEIXEIRA, D. P. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, corporalidade e mídia**. Catu: Bordô-Grená, 2021.

BENTO, M. O. **O uso do podcast na divulgação científica por universidades federais brasileiras**. 2024. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/262832>. Acesso em: 17 set. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto da Pessoa Idosa. Brasília, DF: Presidência da República [2003]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 10 fev. 2024.

BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, vol. 15, n. esp, p. 1-12, dez. 2010. Disponível: www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585. Acesso em: 24 mar. 2023.

CARBALHO, F. S.; PÉREZ-MAÍLLO, A. El diseño gráfico de podcast: análisis de estrategias visuales. **Grafica**, v. 10, n. 19, p. 55-62, 2022. Disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8239297>. Acesso em: 25 set. 2025.

CASTRO, A.; CAMARGO, B. Z. Representações sociais da velhice e do envelhecimento na era digital: revisão de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 882-900, dez. 2017.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 12, n. 34, p. 39-56, jul. 1997.

FÁTIMA, B. D.; BORGHI, J. M. Sons do saber: representações da ciência em podcasts lusófonos no Spotify. In: **Encontro Anual da Compós**, 34, 2025, Curitiba. Anais [...]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2025.

FIGUEIRA, A. C. P.; BEVILAQUA, D. V. *Podcasts* de divulgação científica: levantamento exploratório dos formatos de programas brasileiros. **Reciis - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 120-138, jan.-mar. 2022. Disponível em: <https://www.reciis.iciet.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/2427>. Acesso em: 18 set. 2025.

FREIRE FILHO, Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Eco-pós**, v. 7, n. 2, ago-dez. 2004. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1120. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOMES, I.; BRITTO, V. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. **Agência IBGE Notícias**. Rio de Janeiro, 27 out. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>. Acesso em: 22 jun. 2025.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, S. El trabajo de la representación. In: HALL, S. (ed.), **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. Trad. Elías Sevilla Casas. London, Sage Publications, 1997. cap. 1, p. 13-74. Disponível:

https://www.researchgate.net/publication/344241755_EL_TRABAJO_DE_LA_REPRESENTACION. Acesso em: 8 set. 2025.

JODELET, D. **Representações sociais**: um domínio em expansão. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/324979211_Representacoes_sociais_Um_dominio_em_expansao. Acesso em: 28 out. 2025.

KISCHINHEVSKY, M. **Cultura do podcast**: reconfigurações do rádio expandido. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

LELLIS, M. B.; MOREIRA, B. D. Podcast: novas possibilidades para a ciência na era da convergência midiática. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 11, 2023.

LEMOS, André. Podcast: emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura. **404nOtF0und**, Salvador, v. 1, n. 46, 2005.

MAGNABOSCO-MARTINS, C. R.; CAMARGO, B. V.; BIASUS, F. (2009, setembro/dezembro). Representações sociais do idoso e da velhice de diferentes faixas etárias. **Universitas Psychologica**, v. 8, n. 3, p. 831-847, set.-dez. 2009.

MINAS GERAIS. Fapemig. **Chamada FAPEMIG nº 05/2022**. Programa Comunicação Pública da Ciência e da Tecnologia - Apoio e Ações de Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Inovação. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://fapemig.br/oportunidades/chamadas-e-editais/2608>. Acesso: 6 jan. 2026.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Popularização do conhecimento científico. **DataGramZero**, n. 2, v. 3, p. 1-11, 2005.

MUSTAFÁ, I. A humanização no jornalismo científico em podcasts no Brasil: um estudo audioestrutural do conteúdo. **20º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Anais... Fortaleza, 2022.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES, M.; BARROS, L. (Orgs.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROSSETTO, A. S.; FERRARETTO, L. A. O podcast como instituição social independente: provocações a partir dos estudos radiofônicos no Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 22, n. 44, set./dez. 202. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1059>. Acesso em: 2 jan. 2026.

SCHARRER, Lisa; RUPIEPER, Yvonne.; STADTLER, Marc; BROMME, Rainer. When science becomes too easy: Science popularization inclines laypeople to underrate their

dependence on experts. **Public Understanding of Science**, n. 8, v. 26, p. 1003-1018, nov. 2016.

SILVA, G. N. **As fontes no podcast Mamilos**: Uma proposta de análise audioestrutural. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2022. Disponível: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4052>. Acesso em: 2 ago. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 5 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VICENTE, E. Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio. In: SOARES, R. L.; SILVA, G (Orgs). **Emergências Periféricas em Práticas Midiáticas**. São Paulo: ECA/USP, 2018. Disponível em: <https://midiato.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/10/emergenciasperifericas.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2026.

Dados de Autoria

Gláucia da Silva Mendes Moraes

E-mail: glaucia.moraes@ufla.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0563-008X>

Instituição: Universidade Federal de Lavras, Lavras, Minas Gerais, Brasil.

Minibiografia: Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCOM-UFRJ), com período sanduíche na Universidade Nacional de Quilmes (UNQ - Argentina). Professora do curso de Comunicação Integrada e Mídias Digitais da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Dados do artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:

A pesquisa integra o projeto de extensão e divulgação científica intitulado “Prosas na Ciência: contribuições da UFLA rumo ao processo dialógico da Comunicação Pública da Ciência”, desenvolvido na Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Fontes de financiamento:

Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig), por meio do processo APQ - 02681-22.

Apresentação anterior:

Uma versão parcial deste trabalho foi apresentada no 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) e publicada nos anais do evento na forma de resumo expandido.

Agradecimentos/Contribuições adicionais:

Nada a acrescentar.

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (Fapemig).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não se aplica.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Sim.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

A autora é docente da UFLA.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não há conflitos de interesse.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica.